

## A DAMA NEGRA



Esta é uma história verdadeira, similar a muitos jovens que na década de 60/70, tiveram que servir a pátria, para defender um território Português.

Neste caso a história do Alferes Miliciano Paraquedista João Carlos Adão da Fonseca, o jovem João Carlos era estudante universitário, corria atrás do sonho de se formar em Arquitetura, e quando chegou a altura, a sua altura!

Não deu o salto para França, não adiou o inadiável, apresentou-se com sentido pátrio ao chamamento militar, para ele não havia dúvidas, a pátria necessitava dele, e ele, como milhares de jovens, não faltou à chamada.

Apresentou-se em Abril de 1970 na Escola Prática de Infantaria em Mafra, onde irá durante três meses frequentar o Curso de Oficiais Milicianos.

Após o fim do curso, decide tomar outro rumo:

*“Quando fui para a tropa não tinha a menor ideia do que era o serviço militar. Então, apercebi-me de que seria, certeza, mobilizado para África integrado numa companhia de Infantaria onde as condições não seriam as melhores; assim, procurei outros caminhos: dei o meu nome quando apareceram as listas de candidatura para os Comandos, curso de Capitães e Paraquedistas. Fiz as três provas de admissão, mas foram os Paraquedistas os primeiros a confirmarem a aprovação. Findo o curso da especialidade de Infantaria (havia seis meses que eu chegara a Mafra), segui para Tancos; já era graduado em Aspirante-a-Oficial.”*

(Adão Fonseca)

Em Tancos no Regimento de Caçadores Paraquedistas frequenta o 63.º curso de pára-queda militar, para seguidamente ser preparado para a guerra com o curso de Caçador Paraquedista.

Marcha para Moçambique em Outubro de 1971 para o BCP 32, sediado em Nacala, onde fica a comandar um pelotão de combate pertencente à 1.ª CCP.

## A ÚLTIMA MISSÃO

Operação “BRASA“, realizada na zona da Nascentes do rio Muera, entre dia 27 de Maio a 2 de Junho de 1973, 1.ª CCP a 2 GC.

Depois de várias missões, onde viu morrer camaradas seus, viria esta operação a marcar para sempre fisicamente e psicologicamente o Alferes Adão Fonseca, que com 22 anos já era casado e pai do seu primeiro filho.

*“Já tinha realizado aquela que teria sido a minha última operação, mas o imprevisto surgiu: haveria uma intervenção numa zona tradicional de implementação das bases da Frelimo. Um outro oficial tinha se oferecido para me substituir no comando do meu pelotão, mas o Capitão não aceitou; fiquei imensamente desconsolado e apreensivo; por fim, conformei-me.”*

## 28 de Maio de 1973

*“Um matraquear seco, vindo da mata*

*Á frente, ali, a cinquenta metros rajadas não assobiavam, não chicoteavam, era uma emboscada dirigida para a testa da coluna*

*Todos nos agachamos, quietos, tentávamos saber de onde vinham os tiros.*

*Ordenei ao do Morteiro - vinha logo atrás*

*- Varre para aquela mata!!*

*Uma e duas, três granadas*

*Vi um turra que vigiava no cimo da árvore*

*Lá na frente á direita saltou para o chão, porque estávamos imóveis, dissimulados entre a folhagem, caiu na linha da nossa tropa*

*De arma pronta aguardei o que viesse a acontecer, corria e corria em ziguezague entre os da frente*

*Vinha na minha direcção sem saber para onde ia*

*Nem sequer se apercebeu do que lhe haveria de acontecer*

*A dois metros, eu de pé, pernas afastadas, G3 à cinta, dedo no gatilho numa rajada de balas à queima roupa*

*Esvaeceu-se num sopro ali mesmo que nem um ai se ouviu, a meus pés estancou de bruços aquele turra da árvore.....*

*O fogo inimigo continuava, indiferente às balas que não se viam*

*Logo corri a berrar*

*Na certeza que todos me seguiriam, os da frente comigo foram, assim chegamos à mata.*

*Onde estava antes o inimigo que fugiu.*

*Estabelecida a segurança*

*Deitado em alerta com a arma apontada junto à orla da mata sem cara*

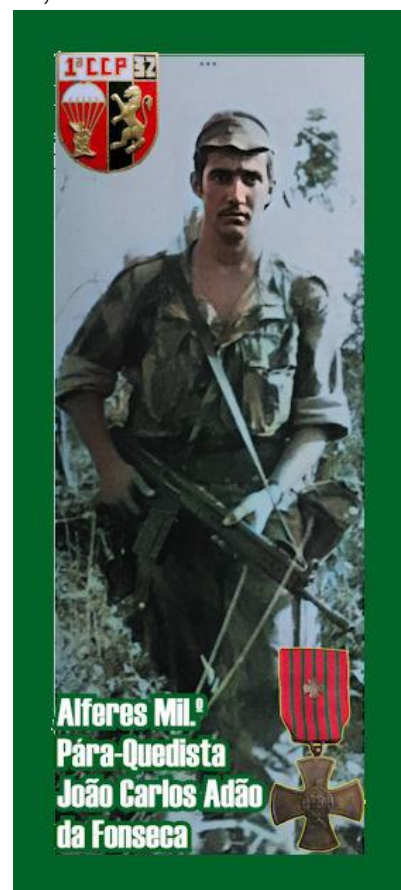
*Estava como dantes, como se nada tivesse acontecido naqueles últimos minutos.*

*Amansada a malta da testa, estribada a serenidade*

*Voltei atrás e olhei o corpo morto*

*Uniforme verde escuro de guerrilheiro espoliado já sem cinto e sem arma*

*Não parei e continuei o meu passo.*



*Era uma vez um rapaz como eu  
Que me foi indiferente pelo traquejo de tantas lides  
- os mortos eram coisas da guerra, e tudo deixou de ter interesse naquele momento  
Havia um estilhaço no meu olho direito e o Ferreira tinha uma bala nas costas.  
Ali mesmo naquela machamba montou se a segurança  
Foi pedida a evacuação dos feridos e assim aguardámos o helicóptero  
A guerra tinha acabado para nós  
Aquele porcaria de mato também  
A Dama Negra .....? ainda não! “*

## **O FERIMENTO QUE TINHA.....QUE PARECER UM FERIMENTO.**

*“Fomos os dois, os feridos numa emboscada; um Helicóptero com uma enfermeira Paraquedista evacuou-nos do mato.  
Largaram-me em Mueda, e eu que tratasse de mim: fui a pé da base aérea até ao hospital.  
Observaram-me, puseram-me um líquido e um penso no olho direito e o assunto ficou encerrado.  
Depois, mandaram-me embora. Ponto final. Assim fui tratado como se o meu caso fosse igual ao de uma farpa num dedo.  
Regressei novamente ao aeródromo e dirigi-me ao clube de oficiais.  
Estava ao balcão do bar o General Comandante da região aérea vestia o fato de voo.  
Olhando para mim, não me ignorou - coisa que não esqueci, disse-me  
- Ó rapaz, o que tens aí?  
Depois de saber o que me tinha acontecido  
Apontou para um táxi aéreo que estava na pista  
Mandou que o apanhasse porque ia para Nampula  
Cheguei a Nampula já era de noite  
Dirigi-me a pé para o hospital militar, apresentei-me ao oficial médico de serviço  
Disse-lhe que estava ferido e que era oficial, e acreditando em mim - não trazia qualquer documento nem divisa de Alferes  
Mandou-me para um quarto individual  
la vestido com o meu camuflado sujo e levava uma pequena caixa de madeira - uma embalagem vazia de granadas de morteiro - onde guardava os objetos de higiene pessoal, livros, um jogo de xadrez e outras coisas que trazia comigo quando ia para os períodos operacionais de dois meses no Norte ou na região de Tete.  
De manhã cedo e ainda estava a dormir  
Entrou de rompante pelo quarto a Polícia Militar  
Procurava o caixote de granadas de morteiro  
Esclarecido e verificado o conteúdo da embalagem  
Não fui autorizado a ter no quarto aquela ameaça de perigo em Nampula - que ficava longe da guerra  
- eles eram uns caguinchas danados.  
No dia seguinte, entrei numa carrinha e fui á consulta de Oftalmologia  
- Hum.... você tem um corpo estranho na vista ....*

*Venha cá amanhã  
Ao terceiro dia  
E assim sucessivamente durante uma semana  
O médico observava-me e dizia-me  
- Hum.... você tem um corpo estranho na vista ....  
Venha cá amanhã.  
Estava farto daquela estupidez  
Sexta-feira ao fim do dia  
Decido ir-me embora do hospital - não tinha nada a perder  
Apanhei o comboio para Nacala  
Telefonei ao meu pai  
Contei-lhe o que tinha acontecido, que não se preocupasse  
Domingo, ao fim do dia, já vestido com roupa a civil regresssei ao hospital de Nampula.  
Percebi que não bastava ser se um ferido para ser tratado como tal  
Seria necessário parecê-lo. Afinal, não houve sirenes nem ambulâncias e, além do mais, que ferido é este que se apresenta pelos próprios pés e até foge do hospital.”*

**Na semana seguinte, o Alferes Adão Fonseca, é com todas as mordomias colocado de imediato num avião civil, e enviado para o Hospital Militar em Lisboa.**

*“No Sábado em que saí do Hospital de Nampula e já em Nacala.  
Telefonei para o meu pai que depois falou ao meu sogro e este, sabendo que nesse mesmo dia ia de avião para Lourenço Marques, o pai do Governador Geral, contou-lhe acerca da assistência médica que, até então, eu recebera.  
Tendo aquele chegado a Moçambique pediu a intercessão do filho que logo telefonou ao General; este ordenou que eu fosse recambiado para Lisboa.”  
Quando cheguei ao hospital da Estrela fui directo para o serviço de oftalmologia.  
O médico observou-me, ponderou e decidiu.  
Espetou um agulhão junto ao lóbulo da orelha direita  
Uma outra agulha penetrou, bem de frente pelo meu olho ferido  
Escorria como se perfurasse goma arábica - coisa horrorosa  
A garganta apertava e mal conseguia respirar  
Queixo apoiado  
O olho no vértice dum mastodôntico cone de ferro - era um íman que puxava  
Eu não conseguia contrariar o deslocamento do estilhaço metálico  
Sentia uma força enorme que me impelia para a frente  
Resistia, cerrava os dentes, prendia a respiração  
Duas mãos seguravam-me a cabeça  
Por fim, saiu pela íris a lasca dourada de uma bala - tinha o tamanho duma cabeça de fósforo.  
Dois dias depois, foi detectada uma infecção no olho, pelo que fui internado e fiquei num quarto com duas camas, e sempre deitado, recebia soro e antibiótico.*

*Tendo sido atingida a retina, porque permanecesse a infeção no meu olho direito, não fosse ela passar por simpatia para a outra vista  
Fizeram me uma cirurgia radical  
- Deram me alta  
Havia dois meses que chegara ao hospital  
Tinham me colocado um implante no globo ocular, um olho falso  
Quando o lavava, acabava sempre por cair no lavatório  
Como se fosse uma pulga.”*

**De seguida o jovem Alferes solicita uma Junta médica, onde passa mais um calvário, com as burocracias que faziam de tudo, mas não protegiam os combatentes, nem respeitavam os feridos em combate.**

**Passou à reforma extraordinária como deficiente das Forças Armadas em Setembro de 1975**

**É pela portaria de 31 de Maio de 1974, condecorado com uma Cruz de Guerra 4.ª classe.**

## **A CRUZ DE GUERRA**

*“Treinado no espírito de grupo dos Boinas Verdes  
Todos éramos um só, nunca para trás alguém ficaria  
Cada um no seu posto, no seu lugar  
Logo aprendi a guerrilha e chamaram-me covarde  
Depois herói  
Uma condecoração individual?  
Se nos Paras o “corpo” mandava  
E não havendo lugar para o individualismo  
Sem eles eu não seria nada  
Fizeram o melhor que sabiam  
Sabe se lá o esforço que fizeram  
Muitos ficaram sem qualquer honra  
- Não liguês, não tem importância  
- Então? Porque recebê-la  
As condecorações são para as excepções  
Comigo não houve alguma  
E se houve, algo de errado correu mal  
Se todos éramos um só - era esta a coesão“*

**Adão Fonseca, terminou com brilhantismo o curso de Arquitetura no estrangeiro, o seu olho falso já não cai no lavatório, constitui-o uma família orgulhosa da sua honra e do seu espírito de sacrifício, e escreveu um livro.**

**A pedido da família e amigos, escreveu um livro só para os familiares e os mais chegados, de uma sensibilidade e inteligência raras, nele fala da guerra, dos seus fantasmas, da Dama negra e do homem negro de minério, sem o politicamente correto, sem fanfarronice, só com a verdade da guerra, para o bem e para o mal.**

**HONRA SE A PÁTRIA DE TAL GENTE**

**Pedro Castanheira**